

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE GESTÃO E NEGÓCIOS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

PABLINE MARTINS VIEIRA

**O IMPACTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO COMPORTAMENTO DOS
JOVENS BRASILEIROS**

GOIÂNIA

2022

O IMPACTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO COMPORTAMENTO DOS JOVENS BRASILEIROS

Pabline Martins Vieira¹

Jediel Teixeira Mendes²

RESUMO:

Construir capacidade financeira pessoal no início da vida pode dar às pessoas uma base para o bem-estar financeiro na vida adulta. As escolas são um canal importante para fornecer a educação que pode melhorar a capacidade financeira. Este artigo objetiva compreender o impacto da educação financeira sobre finanças pessoais bem como analisar criticamente o contexto atual da educação financeira no Ensino Superior. Como metodologia foi utilizado uma revisão integrativa com artigos publicados em revistas nos últimos 5 anos. Como critério de inclusão foram analisados os artigos a partir da busca das palavras-chave: educação financeira, ensino superior, jovens. Os resultados da pesquisa apontam que a pouca atenção dada à educação financeira no desenvolvimento do aluno pode prejudicar a tomada de decisão dos indivíduos em sua idade adulta. Sem as competências construídas através da educação financeira, os jovens correm o risco de dificuldades financeiras, exclusão e endividamento. Nesse contexto, pode-se perceber que a educação financeira permite o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes em relação ao dinheiro para poderem tomar decisões financeiras informadas e prosperar na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação financeira. Jovens. Ensino Superior

ABSTRACT:

Building personal financial capability early in life can give people a foundation for financial well-being in adulthood. Schools are an important channel for providing education that can improve financial capability. This paper aims to understand the impact of financial education on personal finance as well as critically analyze the current context of financial education in Higher Education. As methodology an integrative review with articles published in journals in the last 5 years was used. As inclusion criteria, the articles were analyzed by searching the keywords: financial education, higher education, young people. The results of the research point out that the little attention given to financial education in the development of the student may impair the decision making of individuals in their adulthood. Without the skills built through financial education, young people run the risk of financial difficulties, exclusion, and indebtedness. In this context, it can be seen that financial education enables young people to develop knowledge, skills, and attitudes towards money so that they can make informed financial decisions and thrive in society.

KEY WORDS: Financial education. Youth. Higher Education

¹ Bacharelado(a) em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Av. Universitária, 1440 - Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74605-010. E-mail pablinemartinsvieira@gmail.com

² Docente Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Av. Universitária, 1440 - Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74605-010. E-mail: jdiel@pucgoias.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira é um tema pouco explorado no Brasil, embora exista uma necessidade de discuti-la, principalmente na era digital, que permite uma maior acessibilidade às informações, produtos e estímulo ao consumo. Para Marangoni (2017) a educação financeira nas escolas e universidades precisa, em boa parte, abordar conceitos ligados à contabilidade, desde conceitos básicos como ações mais específicas associadas à produção e uso de relatórios financeiros. Nota-se que as finanças pessoais como ferramenta de controle de bens, rendas e despesas dos indivíduos, de fato estão intimamente relacionadas à Contabilidade. Gonçalves (2000) relata que o problema financeiro das pessoas surge a partir da falta de educação financeira, tendo como base a ausência de planejar. A maior parte da capacidade financeira advém de tentativas e erros anteriores ou das experiências familiares.

A inserção da temática tem sido adotada em diversos países. Nos Estados Unidos desde 2015 a grande maioria das escolas incluiu o curso de finanças como parte de seu currículo do ensino médio. Essa inclusão fez com que o país fosse reconhecido como o 14º do mundo no *ranking* do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que abrange as atitudes relacionadas à aprendizagem dentro e fora da escola, sobre conhecimentos financeiros entre jovens. Os achados deste relatório permitem que os países analisem e comparem os resultados com outros países em que a educação financeira faz parte do plano escolar (CASARIL, 2016).

Para Cameron et al. (2014) a alfabetização financeira a partir do ensino médio pode ser fundamental para melhorar a qualidade de vida da população tomada de decisão financeira. Assim, os jovens precisam aprender que os recursos financeiros são finitos e limitados, que precisam ser usados de forma adequada para poderem suprir as necessidades pessoais, familiares e sociais. Conforme Urban (et al., 2018) a motivação da política pública para requisitos de educação financeira nas escolas é baseada tipicamente para melhorar o comportamento financeiro dos indivíduos ao longo dos anos.

Nas instituições de Ensino Superior, no que lhe concerne, é uma questão que apresenta diversos ângulos para análise. Há quem defenda essa iniciativa como forma de preparar os discentes para a vida, desenvolvendo competências capazes de prepará-los para identificar os riscos e oportunidades presentes no mundo econômico (DONADIO, 2014).

Nesse sentido, como enunciado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é necessário promover a compreensão dos valores, conceitos e produtos relacionados ao mundo financeiro por meio de orientação, formação e informação para que as pessoas consigam fazer escolhas e obter informações relevantes para

lidar com questões financeiras (OCDE, 2005).

Esses fatores se sobressaem no contexto atual, considerando que conforme os dados do Serasa Experian (2021) 39,5% da população adulta se tornaram inadimplentes em 2021, correspondendo a 62 milhões de pessoas. Em relação à população jovem do Brasil, o estudo apontou que 12% dos endividados têm idade entre 18 a 25 anos.

Em outra abordagem, diversos estudos internacionais mostram que a educação financeira pode contribuir positivamente para a economia (MESSY; MONTICONE, 2016). No Brasil, o estudo realizado por Jeser et al., (2019) buscou avaliar a educação dos jovens não somente na esfera individual, mas também nos campos social e governamental. Os autores observaram ser importante haver maior conscientização em relação à proteção e a segurança financeira relacionada ao futuro.

Garcia et al. (2020), em pesquisa realizada no estado de Ceará, sobre a educação financeira de jovens consumidores da Região Metropolitana de Fortaleza, analisou o endividamento entre os jovens, e identificaram que os instrumentos de crédito mais utilizados são o cartão de crédito e o cheque especial, entretanto, os jovens não têm conhecimento sobre as taxas de juros, e operações existentes com utilização dos instrumentos citados.

De acordo com relatório “O impacto da educação financeira no Ensino Médio – evidências experimentais do Brasil” (Brasil, 2014), os jovens educados financeiramente podem contribuir para o crescimento de 1% do PIB do país. Para tal feito, é importante que se analise de modo aprofundado o comportamento do jovem no que diz respeito ao seu planejamento. Ferreira et al., (2017) reforçam que jovens com conhecimento de gestão financeira possuem mais facilidade de pensar no futuro e planejar suas economias, garantindo que consigam uma vida de autonomia responsável e valores solidários.

Finalmente, cabe evidenciar que o Brasil ocupa a 4.º pior posição no relatório da PISA sobre Educação financeira (BERTÃO, 2020). Para mudar essa realidade, o programa “Aprender Valor”, do Banco Central, pretende levar a educação financeira aos estudantes de escolas públicas brasileiras de ensino fundamental. Em Goiás, aproximadamente 800 escolas estão incluídas no projeto que utiliza no âmbito das disciplinas obrigatórias, como português e matemática, a integração com a educação financeira. A meta do programa é conceder as ferramentas necessárias aos jovens para que se tornem cidadãos mais conscientes e organizados no que diz respeito às finanças (BRASIL, 2022).

Tendo em vista a problemática exposta, o estudo tem o escopo delimitado na seguinte questão: qual o nível de educação financeira dos jovens brasileiros? Para isso, busca-se como objetivo geral compreender o impacto da educação financeira por meio de uma revisão

integrativa apresentando inovações teóricas sobre finanças pessoais e educação financeira, bem como analisar criticamente o contexto atual da educação financeira no Ensino Superior.

Considera-se que o trabalho assume relevância do ponto de vista acadêmico, uma vez que se pretende discutir os meios e formas de promoção da educação financeira nas instituições de Ensino Superior, sobretudo, pela incipiência desses trabalhos. Ademais, a temática envolve a preparação das futuras gerações para viver, conviver e interagir com os períodos de recessão e prosperidade econômica, bem como a formação de princípios e valores relacionados à gestão de recursos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: PERSPECTIVA, TEÓRICA E CONCEITUAL

De acordo com Lopes e Cunha (2020), o conceito de educação passou por transformações ao longo do tempo. Desde a origem da civilização a educação serviu-se à transferência de informações de uma geração à outra, ocorrendo por meios verbais, demonstrações e escolarização formal. Esse conceito evoluiu ao colocar o educando como protagonista de sua própria formação, substituindo sua passividade pelo posicionamento ativo nesse processo, conforme estudo proposto por John Dewey na primeira metade do século, e de Paulo Freire mais recentemente no Brasil (NUNES; NUNES, 2005).

A educação pode ser compreendida como transmissão dos valores e conhecimentos adquiridos com o passar do tempo em uma sociedade. Refere-se ao processo que objetiva facilitar o aprendizado ou a aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, crenças e hábitos. Contudo, entende-se que educação é a base para o desenvolvimento da cultura, conseguindo formar indivíduos, para a continuidade da sociedade (ALMEIDA, 2002).

A junção da educação com finanças é conceituada na literatura como educação financeira que consiste no conhecimento e a habilidade do indivíduo com relação ao uso do dinheiro (Luci et al., 2006). O termo finanças, de acordo com Campos (et al., 2020), compreende-se a gestão do dinheiro e o processo de aquisição dos fundos necessários, podendo ser um investimento, empréstimo, aplicação, entre outros. Contribuindo, Lucci (et al., 2006, p.4), aponta que pode ser conceituada como atividades relacionadas ao dinheiro que as pessoas utilizam para controlar o orçamento, utilizar cartões de crédito, cheques e tomada decisão de investimento, entre outros.

Ganem (2002) argumenta que a educação financeira não pode pretender doutrinar os educandos para uma ideologia capitalista ou socialista, mas sim prepará-los para refletir sobre

recursos que deverão ser usados para o bem-estar pessoal e coletivo, como apresentaram os principais teóricos da economia, cada um, a seu modo.

De acordo com Gitman (2004, p. 4), o termo educação financeira é definido como "a arte e a ciência da gestão do dinheiro, podendo estar presente desde o planejamento financeiro como a compra de um produto". Segundo os autores, Savoia, Saito e Santana (2014) baseia-se na capacidade de compreensão que o indivíduo tem em saber usar de forma eficiente os seus recursos financeiros. Nessa definição, permite compreender que a educação financeira como sendo a base do relacionamento com o dinheiro, incluindo as habilidades financeiras, a sabedoria em gerir as finanças pessoais, orçamentos e investimentos.

Nesse contexto, Gallery (et al., 2011, p. 288) contribui relacionando a educação financeira como "a capacidade de realizar julgamentos inteligentes e tomadas de decisões assertivas em relação ao gerenciamento do dinheiro: enquanto a definição adotada por Roquete, Laureano e Botelho (2014) é no sentido de que quando o indivíduo compreende suas finanças pessoais e como ele usa essas informações.

De acordo com Savóia, (et al., 2007, p. 1122) um dos autores seminais do assunto, refere-se aos "processos de transmissão de conhecimento que permite o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos, para que eles possam tomar decisões fundamentadas e seguras, melhorando o gerenciamento de suas finanças pessoais."

O Banco Central do Brasil também assume a educação financeira como um comportamento:

A Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros. Com informação, formação e orientação claras, as pessoas adquirem os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos a elas associados e, então, façam escolhas bem embasadas, saibam onde procurar ajuda e adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2014, n.p)

Em relação ao objetivo da educação financeira, Tommasi e Lima (2007, p.14), menciona que "é o ato de, forma inteligente os objetivos pessoais, permitir a melhora de nossa qualidade de vida, no presente ou no futuro", o que o torna como um norteador para o uso correto da renda. Nessa mesma linha, Araújo et al.(2018) reconhece que a educação financeira é um alicerce para se consiga equilibrar a vida pessoal e profissional, o que permite considerá-la como consequência positiva.

Assim como toda a ciência, a educação financeira se baseia em princípios, para que se possa aplicá-la de forma eficiente é preciso a) autoconhecer, b) autoequilíbrio, c) disciplina

sobre os gastos, d) consciência, e) objetivos de vida, f) saber controlar das emoções, g) ter uma reflexão sobre o modo de viver, h) participação de toda a família (KRUGER, 2014).

Diante dos construtos mencionados, a educação financeira pode ser conceituada como um instrumento que auxilia para o direcionamento das decisões financeiras. Campos (et al. 2020), complementa sobre a sua importância tendo em vista que abrange informações de como aumentar a renda, reduzir despesas e gerenciar fundos, utilizada como ferramenta para a pessoa administrar o próprio dinheiro.

2.2 FINANÇAS PESSOAIS E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

Há três décadas, os fatores humanos eram raramente considerados na pesquisa teórica e empírica em finanças (MILLER, 1986). O campo da economia comportamental surgiu no final da década de 1970 para tratar das mudanças e divergências das tomadas de decisões dos investidores. Acumula uma ampla gama de casos em que as pessoas sistematicamente se comportam "irracionalmente". A aplicação da economia comportamental ao mundo das finanças é conhecida como finanças comportamentais (GAYOSO; STEWART, 2019)

Estudos anteriores utilizavam os conceitos da “Hipótese de Mercados Eficientes” para definir que as decisões relacionadas ao mercado financeiro eram especificamente racionais. Essa teoria defende a ideia de que o homem é um ser racional, que no processo de tomada de decisão consegue analisar todas as informações disponíveis e assim considerar todas as possíveis soluções. Entretanto, nas décadas de 80 e 90, foram verificadas irregularidades no mercado que não podiam ser justificadas por esta teoria. Diante dessa lacuna na ciência abriu espaço para que outras discussões sobre a influência do comportamento do investidor em suas decisões no mercado (HALFELD, 2001)

A abordagem comportamental tem fornecido resultados importantes para avaliar a qualidade das decisões executivas. A percepção de que os investidores podem tomar decisões diferentes, mesmo recebendo as mesmas informações, faz com que os preços dos ativos oscilem conforme o comportamento do investidor em relação ao problema.

Segundo Barberis e Thaler (2003) as finanças comportamentais surgiram como uma consequência das barreiras encontradas pelas teorias tradicionais, pois alguns fenômenos financeiros podem ser mais bem compreendidos por meio de modelos onde os agentes não são completamente racionais". Pompian (2006) definiu finanças comportamentais como a aplicação da psicologia às finanças.

Boudaoui (2011) explica que baseado na percepção da disponibilidade, emoção e cognição ao julgar as probabilidades de um evento, os indivíduos muitas vezes pesquisam em

suas memórias e experiências para obter informações relevantes que possam ajudá-los a decidir. Este processo pode produzir estimativas tendenciosas porque nem todas as memórias são igualmente recuperáveis ou “disponíveis”

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de revisão integrativa de literatura com abordagem qualitativa. Segundo Ercole et.al., (2014) a revisão integrativa de literatura é um estudo cujo objetivo é sumarizar resultados obtidos em pesquisas acerca de um tema ou questão, de maneira sistemática, organizada e ampla.

O levantamento da produção bibliográfica foi realizado no mês de agosto a outubro de 2022, orientado pelos seguintes critérios: a) palavras-chave: educação financeira e jovens, b) texto completo disponível na versão online. C) no idioma português d) dos últimos 5 anos.

3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram coletados em periódicos da área de educação e contabilidade publicados nos anos de 2017 a 2021, expostos de forma qualitativa. Os critérios de inclusão para o presente estudo foram artigos disponíveis gratuitamente e na íntegra, em idioma português e inglês que contemplem a temática proposta. Sendo excluídos artigos em duplicata, incompletos ou disponíveis somente os resumos.

Os artigos foram analisados a partir de seu conteúdo, tendo como instrumento uma matriz analítica baseada em (COUTINHO, et al 2012), propondo-se a investigar os seguintes termos: locais de publicação dos artigos, maneira de abordagem do assunto (teórico ou aplicado), objetivos dos autores, metodologia de pesquisa, metodologia de análise dos dados, níveis de ensino encontrados e público alvo das publicações. Posteriormente, de forma qualitativa, serão discutidos os principais resultados encontrados.

Quadro 5 - Resumo da Metodologia

QUANTO À FINALIDADE
APLICADA: Dirigida à solução de problemas sobre educação financeira
QUANTO AO OBJETIVO
EXPLORATÓRIA: Revisão integrativa de artigos já publicados proporcionando uma maior familiaridade com o problema.
QUANTO À ABORDAGEM DO PROBLEMA
QUALITATIVA: Busca compreender a importância e o impacto da educação financeira entre os jovens brasileiros
QUANTO ÀS TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS UTILIZADOS
BIBLIOGRÁFICA: Utiliza material já publicado e disponível em diferentes fontes.

Fonte: Autora (2022)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO SUPERIOR EM CONTABILIDADE

A tendência ao consumo, comum diante da facilidade ao acesso a recursos financeiros, pode se tornar um problema se se desenvolver além do controle. Não saber administrar o seu dinheiro de forma prudente, é possível que mantenham essa atitude ao longo da vida. Em pesquisa pertinente ao tema, Marangoni (2017) demonstra a importância da contabilidade na educação financeira, considerando-a essencial para evidenciar as informações por meio das demonstrações. Todas as despesas e receitas, em tese, são repassadas para as contas contábeis. Entretanto, apenas 42% dos alunos utilizam o ato de contabilizar na sua rotina pessoal.

No estudo realizado por Dias et al., (2019) cujo objetivo foi apresentar o comportamento financeiro dos estudantes universitários dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas de uma Instituição Federal de Ensino Superior-IFES, constatou-se que 60% dos alunos têm sua renda comprometida. Os pesquisadores fazem uma crítica em relação à ausência de trabalhos relacionados e a oferta da disciplina em cursos superiores.

Leal, Santos e Costa (2020), em seu estudo, apresentam entendimento de que existe deficiência neste aspecto, pois a universidade não é uma fonte relevante de conhecimento sobre educação financeira. Os resultados da pesquisa de Leal e Moreira (2020), que tratou da situação da alfabetização financeira no âmbito universitário, sugerem que ter cursado disciplinas financeiras ajudou nos resultados alcançados. A disciplina financeira em um curso de formação consegue melhorar o desempenho tanto na vida pessoal quanto profissional dos estudantes.

Para Brown et al., (2013) a exposição à educação em matemática e alfabetização financeira diminui modestamente a incidência de resultados adversos – como inadimplência e cobranças – e reduz a probabilidade de os jovens terem dívidas.

Nesse contexto, Cabral et al. (2020) buscou identificar as características de comportamento financeiro da família de jovens que estudam na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Ao todo participaram da pesquisa 29 jovens com faixa etária predominante abaixo dos 25 anos. A relação da família com o dinheiro foi questionada entre os entrevistados, dentre os quais 51,7% responderam gastar quase tudo e guardar pouco. Podendo confirmar a ausência de fundo de reserva ao questionar o tempo, caso perdesse toda a renda, conseguiria realizar a manutenção da casa. Ao todo, 60,70% dos entrevistados acreditaram que conseguiriam manter o padrão entre 1 a 3 meses.

Corroborando, Dias et al., (2019) constatou-se que os discentes não possuem perfil de investidores, se mostram conservadores, gerenciam os gastos da forma mais simples, sem

programas sofisticados, não se consideram endividados, embora o comprometimento da renda varia de 31% a 60%

No mesmo viés, a pesquisa realizada por Santos et al. (2021) observou-se que entre os 106 jovens entrevistados 53% não praticam reserva de fundos emergencial e 99,1% acreditam que como lidam com suas finanças precisa ser melhorada. Ao passo que 97,2% consideram a educação financeira como aliada para essas mudanças. Os autores perceberam que a educação financeira pode contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

Vettorello, Gavioli e Seibert (2018) verificaram o nível de educação financeira de 259 jovens com idade entre 18 a 35 anos. Foi possível perceber na pesquisa que mais de 40% dos participantes estão com a renda comprometida e não possuem o mínimo de conhecimento para organização das despesas. Ogeda (2021) complementa que os jovens, em sua grande maioria, são mais imediatistas, consumistas, menos poupadores e não colocam praticam o planejamento financeiro.

Segundo deMoraes et al.,(2022) apresenta uma proposta pedagógica para a ES a partir das necessidades e percepções dos estudantes de graduação acerca de educação financeira. A proposta inclui a aplicação das ferramentas de gestão no cotidiano dos alunos, contemplando quatro tópicos; organizando as suas finanças, entendendo os tributos do Brasil, o poder dos juros compostos e o Plano de Investimentos.

Na área da contabilidade, Alves, Silva e Bressan (2012) utilizaram uma amostragem com 613 discentes do curso de ciência contábeis. Foi observado que 74% dos alunos participantes possuem baixo nível de educação financeira e 26% nível intermediário e nenhum responderam com o nível elevado. O que se percebe é uma lacuna entre teoria e prática, uma vez que 84% dos alunos sabem avaliar quando há gastos excessivos no orçamento pessoal, mas não sabe como colocá-los em prática. Esse fato é justificado pelos autores devido não existir na grade curricular uma disciplina voltada para finanças pessoais.

Os estudos de Melo e Nogueira (2021), diferentemente, ressaltam a relação entre o nível de educação financeira com o período do curso de graduação. Para os autores, a medida que o discente avança os estudos na graduação permite assimilar mais sobre educação financeira, isso porque fazem parte da grade curricular disciplinas voltadas à gestão financeira das entidades.

Para Campos, Confessor e Amorin (2022) a internet pode ser uma aliada na disseminação de conteúdos relacionados à educação financeira. O curso de ciências econômicas, quando comparado ao curso de ciências contábeis e administração, contribui para o desenvolvimento da educação financeira diante das disciplinas obrigatórias, optativas e

eletivas. Os acadêmicos de economia têm o hábito de poupar, de investir, reduzir gastos e controlar seu fluxo de caixa.

Abad-Segura e González-zamar (2019) mencionam que discente que não adquire conhecimento suficiente ao longo de sua formação final não consegue fazer poupanças ou decisões de investimento. Nota-se que a educação financeira permite que os jovens melhorem sua compreensão dos conceitos, fornece direção e significado às decisões financeiras, evitando que tomem decisões inapropriadas, aumentando o grau de endividamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo buscou compreender o impacto da educação financeira por meio de uma revisão integrativa apresentando inovações teóricas sobre finanças pessoais e educação financeira, bem como analisar criticamente o contexto atual da educação financeira no Ensino Superior.

Os resultados da pesquisa possibilitaram alcançar os objetivos da pesquisa ao expor que a educação financeira permite que os jovens desenvolvam conhecimentos, habilidades e atitudes em relação ao dinheiro para poderem tomar decisões financeiras informadas e prosperar na sociedade.

Nos cursos de ciências contábeis existe um distanciamento entre a teoria e prática que prejudicam a compreensão da educação financeira. Os alunos compreendem sobre gastos e controle porém não colocam em prática por não saber como utilizar a teoria aprendida em sua rotina. O que possivelmente pode ser corrigido com a inclusão disciplinas voltadas para finanças pessoais na grade curricular do curso.

Nesse contexto, acredita-se que a instituição tem um papel fundamental na solidificação desse conhecimento, uma vez que permitirá que o aluno consiga assimilar teoria e prática. Nota-se que as competências construídas através da educação financeira, diminuem o risco de dificuldades financeiras, exclusão e endividamento.

Como futuras pesquisas sugere-se um estudo quantitativo com alunos dos iniciantes do curso de ciências contábeis e os formandos para observar o avanço do conhecimento após o ingresso no curso e se esses conhecimentos possibilitaram a efetividade da aprendizagem sobre educação financeira.

REFERÊNCIAS

ABAD-SEGURA, Emilio; GONZÁLEZ-ZAMAR, Mariana-Daniela. Effects of financial education and financial literacy on creative entrepreneurship: A worldwide research. **Education Sciences**, v. 9, n. 3, p. 238, 2019.

ALVES, Rodrigo Araújo; SILVA, Senra Silva; BRESSAN, Aureliano Angel. Educação Financeira: uma lacuna na formação discente na área de contabilidade. In: **Congresso Nacional de administração e ciências Contábeis**. 2011.

BACEN. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Educação financeira para um Brasil Sustentável Evidências da necessidade de atuação do Banco Central do Brasil em educação financeira para o cumprimento de sua missão**. Junho de 2012. Disponível em: . Acessado em: 08 mai. 2014.

BERTÃO, Naiara. **Brasil é o 4º pior país em competência financeira de jovens, mostra PISA**. Valor Investe. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/educacao-financeira/noticia/2020/05/07/brasil-e-o-4o-pior-pais-do-mundo-em-competencia-financeira-de-jovens-mostra-pisa.ghtml>>. Acesso em: 29 de maio 2022.

BOUDAOU, Anya. **A Study of Behavioral Finance: background, theories and application / Boudaoui, Anya**. - 2011. 98 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

BRASIL. Projeto de educação financeira nas escolas públicas é expandido para todo o país. Governo do Brasil. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/05/projeto-de-educacao-financeira-nas-escolas-publicas-e-expandido-para-todo-o-pais>>. Acesso em: 10 maio 2022.

BROWN, Meta et al. Financial education and the debt behavior of the young. **The Review of Financial Studies**, v. 29, n. 9, p. 2490-2522, 2016.

CAMERON, Michael P. et al. Factors associated with financial literacy among high school students in New Zealand. **International Review of Economics Education**, v. 16, p. 12-21, 2014.

CAMPOS, EM.; CONFESSOR, KLA.; AMORIM, BP Discussões sobre educação financeira entre alunos do ensino superior dos cursos de administração, contabilidade e ciências econômicas de duas universidades públicas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 13, pág. e504111335705, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.35705. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35705>. Acesso em: 18 out. 2022.

CASARIL, Marina. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA): a concepção de letramento e o estado da arte no Brasil. **Trama**, v. 12, n. 27, p. 84-109, 2016. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/14458>. Acesso em: 02 de junho de 22

CONCORDIDO, Cláudia Ferreira Reis; MACEDO, Ricardo Camargo Severo; DIAS, Cintia Teixeira. Educação financeira no ensino básico. **Revista Scientiarum Historia**, v. 1, p. 8-8, 2018.

DE MORAIS, Diogo Martins Gonçalves et al. A Educação Financeira no Ensino Superior: Um

Estudo das Principais Abordagens Educacionais e a Concepção de uma Proposta Pedagógica Inovadora. *Revista de Casos e Consultoria*, v. 12, n. 1, p. e24142-e24142, 2021.

DIAS, Carina De Oliveira *et al.* Perfil de educação financeira dos acadêmicos dos cursos de ciências contábeis, administração e economia de uma instituição federal de ensino superior brasileira. **Brazilian Applied Science Review**, v. 3, n. 5, p. 2190-2211, 2019.

DIAS, Carina Oliveira et al. Perfil de educação financeira dos acadêmicos dos cursos de ciências contábeis, administração e economia de uma instituição federal de ensino superior brasileira. **Brazilian Applied Science Review**, v. 3, n. 5, p. 2190-2211, 2019. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BASR/article/view/3986>. Acesso em: 02 de junho de 22.

DONADIO, R. **Educação Financeira de estudantes universitários: uma análise dos fatores de influência**. Tese (Doutorado) – UNINOVE, São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uninove.br/xmlui/handle/123456789/685>. Acesso em 06 de Maio de 2022.

GARCIA, K. R. M. et al., **Os jovens, as finanças comportamentais e o endividamento**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo_20991_2020035125.pdf.

GAYOSO, Letícia; STEWART, Almendra. **Uma análise do comportamento do investidor de crowdfunding sobre a ótica da Economia Comportamental**: Aplicação da Teoria do Prospecto e da Contabilidade Mental. 2019. Disponível em: http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Leticia_Gayoso_e_Almendra_Stewart_Mono_19_1.pdf. Acesso em: 02 de junho de 22

HALFELD, Mauro; TORRES, Fábio de Freitas Leitão. Finanças comportamentais: a aplicações no contexto brasileiro. **Revista de administração de empresas**, v. 41, n. 2, p. 64-71, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/NVz5sP8xXVj94PhSWrndHTj/?lang=pt> Acesso em: 02 de junho de 22.

JESER, Vanderley Alves; BILESKI, Bianca Cavalcante; DOS SANTOS, Solidia Elizabeth. A educação financeira dos jovens na região metropolitana de Curitiba. **Caderno PAIC**, v. 20, n. 1, p. 245-256, 2019.

LEAL, SARA COSTA; SANTOS, DV dos; COSTA, P. de S. Educação Financeira: Perfil de Educação Financeira dos Discentes de Graduação e Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior Brasileiras. In: **Anais, 17 Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade**. 2020.

MARANGONI, Thiago Vicente Barbosa et al. **O uso da contabilidade na educação financeira: uma ferramenta útil para à gestão financeira pessoal**. 2017. Trabalho de Conclusão de curso. “Ciências Contábeis. Disponível em: https://bdm.ufmt.br/bitstream/1/233/1/TCC_2017_Thiago%20Vicente%20Barbosa%20Marangoni.pdf. Acesso em: 02 de junho de 22

MESSY, F.; MONTICONE, C. Financial Education Policies in Asia and the Pacific. OECD Working Papers on Finance, **Insurance and Private Pensions**, Paris, n. 40, 2016.

OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**. Paris, 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 22

OCDE. Recommendation on Principles and Good Practices For Financial Education and Awareness. **Recommendation of The Council**. July, 2005.

OGEDA, S. F. R. S. PESQUISA COM ADOLESCENTES E JOVENS SOBRE GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL. *Colloquium Socialis*. ISSN: 2526-7035, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 38–44, 2022. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/cs/article/view/4222>. Acesso em: 18 out. 2022.

RITTER, Jay R. Behavioral finance. *Pacific-Basin finance journal*, v. 11, n. 4, p. 429-437, 2003.

SANTOS, Gabriel Costa et al. O PAPEL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO DOS JOVENS ANAPOLINO. 2022. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/19138/1/GABRIEL%20E%20EQUIPE.pdf>. Acesso em 18.10.2022

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6620>. Acesso em: 02 de junho de 22

TOMMASI, Alessandro; LIMA, Fernanda de. **Viva melhor sabendo administrar suas finanças**. São Paulo: Saraiva, 2007.

URBAN, Carly et al. The effects of high school personal financial education policies on financial behavior. *Economics of Education Review*, v. 78, p. 101786, 2020.

VETTORELLO, Gabriela Lippert; GAVIOLI, Liane Maria Panerai; SEIBERT, Rosane Maria. **Vida financeira: um estudo envolvendo jovens de 18 a 35 anos para verificar o entendimento e a importância das finanças pessoais**. Salão do Conhecimento, 2018.

